

AS CAUSAS E OS CONFLITOS ENTRE O ATO DE ENSINAR E O DESAFIO DE PRODUZIR TEXTO NA ESCOLA¹

Claudia Martins de Sá

Mestranda em Gestão do Ensino Educação Básica/PPGEEB

Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Email: claudinhamaranhao@hotmail.com

Alexsandro Costa de Sousa

Mestrando em Gestão do Ensino Educação Básica/PPGEEB

Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Email: alexpoppin@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo trata sobre um trabalho desenvolvido em sala de aula voltado para o ensino e o desempenho da produção textual. A pesquisa apresentou algumas observações sobre formação do professor e o ensino de produção de texto nas escolas considerando trabalhos bibliográficos publicados, a opinião de professores e o resultado de uma análise de entrevistas realizadas com alunos do ensino médio sobre as dificuldades em produzir textos. O levantamento corresponde à parte inicial de uma pesquisa em andamento realizada em uma escola da Rede Pública Estadual, localizada em São Luís - MA. O estudo está sinalizando que o processo de produção textual na escola não tem sido uma prática prazerosa e tem causado medo aos alunos.

Palavras-chave: Produção textual. Ensino. Formação de professores.

1 INTRODUÇÃO

A atividade de produção textual na escola tem sido um desafio para professores, que descobrem que a missão de ensinar a produzir textos envolve capacidades e habilidades que precisam ser descobertas e, para os alunos, por se tratar de um trabalho de reflexão individual e/ou coletiva que depende de uma série de habilidades.

Partindo desse desafio, apresentamos algumas observações sobre a formação do professor e o ensino de produção de texto nas escolas, considerando trabalhos bibliográficos publicados, a opinião de professores e o resultado de uma análise de entrevistas realizadas com alunos do ensino médio sobre as dificuldades em produzir textos.

Acrescentamos que a pesquisa se encontra em andamento, todavia, já possuímos alguns resultados, que apresentaremos no presente artigo, com base no levantamento realizado numa escola da Rede Pública Estadual, localizada em São Luís - MA.

¹ Artigo apresentado pelos autores ao curso de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB), da Universidade Federal do Maranhão como parte inicial de uma pesquisa em andamento.

O assunto tratado neste trabalho se justifica pela relevância do tema e pelas considerações relacionadas ao ensino da produção textual em sala de aula, uma ação desafiadora para alunos e professores. Nessa perspectiva é possível imaginar que as causas do medo do papel em branco podem estar relacionadas ao ensino da produção textual a partir de uma ação burocrática sem considerar o potencial subjetivista dos alunos.

A partir dessas problemáticas, acima descritas, formulamos os seguintes objetivos:

Geral:

- Investigar as causas e conflitos entre o ato de ensinar e o desafio de produzir texto na escola.

Específicos:

- Identificar, a partir de entrevistas com professores, quais as maiores dificuldades no processo de ensino da produção textual;
- Identificar, a partir de entrevistas com alunos, quais os fatores que mais causam dificuldades na hora de escrever;
- Verificar como a formação do professor pode contribuir para superar os desafios de ensinar a escrever.

Esperamos que a presente pesquisa possa suscitar reflexões e ações sobre o ensino da produção textual na escola, uma ação que deve ser repensada e planejada a partir de novas metodologias, tornando a escrita mais atraente e significativa nos seus diferentes contextos.

2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O ENSINO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

Segundo Passarelli (2012, p. 43), trabalhar o ensino pela vereda do processo de escrita exige do professor uma capacidade de ajudar seu aluno a utilizar, inventar e/ou adaptar as estratégias efetivas de criação textual. De acordo com os estudos realizados pela autora, o ato de escrever exige esforço, suor, trabalho e não depende de um “dom especial”, o que pode criar barreiras para o aluno diante da escrita. E o medo do papel em branco está ligado ao fato das exigências de produzir um texto em linguagem referencial e registros mais formais.

Já se sabe que é lugar comum a insatisfação dos professores diante do desempenho dos alunos, em qualquer nível de ensino, quando solicitados a redigir textos. Não resolve alegar que os alunos não leem, que não se interessam, ou até que os mais pobres têm mais dificuldade e não acompanham a explicação porque os pais não têm escolaridade suficiente e não estão presentes na escola.

Para atenuar possíveis medos ou aversão à escrita, é necessária uma mudança de enfoque. Mas, por onde começá-la? Um primeiro passo seria esclarecer os alunos

sobre o processo que envolve o ato de escrever, desmitificando a crença de que redigir só é viável para eleitos que já nasceram com esse “dom”. No entanto, a escola costuma usar exemplos de textos de autores consagrados para mostrar como é um texto de determinado gênero (PASSARELLI, 2012, p. 58).

Essa situação também é vivenciada numa escola da Rede Pública Estadual de Ensino, localizada em São Luís – MA. Inaugurada em 1998, possui atualmente 670 alunos matriculados nos três turnos, com turmas de Ensino Médio e de Educação de Jovens e Adultos (fundamental e médio) somente no turno noturno.

Ao todo, a escola possui quatro professores de Língua Portuguesa que têm a missão de proporcionar conhecimentos em literatura, gramática e produção textual. Questionados sobre quais as maiores dificuldades encontradas no processo de ensino da produção textual na sala de aula, a maioria apontou, dentre outras dificuldades, a falta de interesse dos alunos, como relata a professora E. S., que há 12 anos trabalha na escola. Vejamos:

"Trabalho atualmente com cinco turmas e observo a falta de interesse dos alunos, no que tange a leitura e escrita. Produzir textos requer leitura de diversos gêneros, o que não acontece com nossos alunos. Infelizmente, esses alunos apresentam problemas de base, pois chegam ao ensino médio com dificuldades de compreensão e interpretação textual. Isso torna o nosso trabalho ainda mais difícil". (E. S., professora de Língua Portuguesa).

A escrita requer aprendizado, noções básicas das regras gramaticais e textuais. É uma ação possível a partir da criação de condições voltadas para transformar a escrita numa atividade eficaz individual e social. E o sucesso dessa atividade depende do trabalho do professor que precisa mudar seu modo de atuação, como afirma a professora de Língua Portuguesa, M. J. C., que há 24 anos leciona em escola pública. Eis:

"O modo tradicional de se trabalhar a produção textual na escola é obsoleto e cada vez mais distante dos anseios dos alunos. Creio que a escola e o professor têm que encontrar o elo perdido, no entanto ainda não sei como. Diante de tantos estudos novos que envolvem a linguística e o ensino de língua portuguesa na escola, o professor também se encontra em conflito diante do ensino tradicional e os estudos mais inovadores da língua. Ainda não conseguiu aliar (nem sabe como) os dois". (M. J. C., professora de Língua Portuguesa).

O conflito da professora pode ser explicado pelo fato da escola ainda preservar o método tradicional de ensino de língua portuguesa, enquanto as inovações estão presentes no ambiente escolar.

Nos dias atuais, com o avanço das tecnologias e a supremacia de mercado, que passaram a reger nossas atividades, a escrita se transformou em objeto de consumo com valor definido. A tecnologização da palavra impôs o esvaziamento e a previsibilidade na produção de seus sentidos. Vivemos sob os imperativos de ter de aprender a escrever para fazer alguma coisa, para responder a uma demanda de mercado. Como ele é sempre veloz, exige novidade e avanços constantes que

indiquem sempre economia de tempo e dinheiro, escrever tornou-se uma técnica que está na contramão do nosso tempo. (RIOLFI et. al., 2014, p.115).

Portanto, se faz necessário uma mudança nas práticas voltadas para a formação de leitores e escritores competentes, começando pela formação dos profissionais da educação que precisam ter conhecimento do que vão ensinar para formar cidadãos críticos e reflexivos. Considerando esse aspecto, Imbernón (2011, p. 12) diz que:

Essa necessária renovação da instituição educativa e esta nova forma de educar requerem uma redefinição importante da profissão docente e que se assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos. Em outras palavras, a nova era requer um profissional da educação diferente.

Para ser um bom professor não basta apenas saber, tem que saber ensinar, o que envolve outros requisitos além de um conhecimento profundo do conteúdo. O ensinar não envolve apenas as práticas que o professor possui, mas também as maneiras pelas quais ele irá dispor desses conhecimentos em sala de aula.

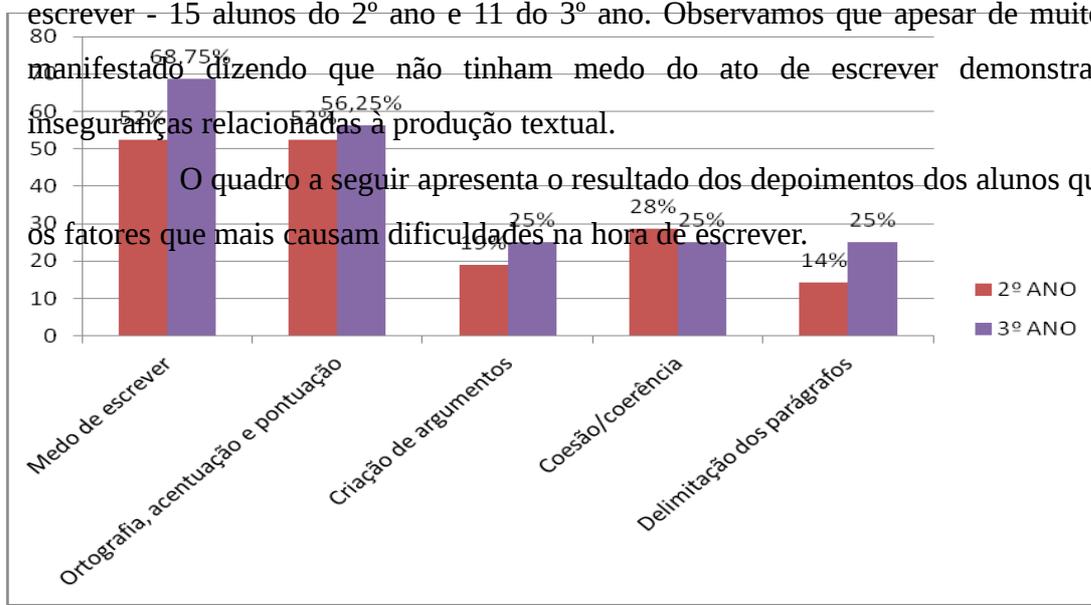
Ainda não existem receitas prontas sobre o ato de ensinar, mas o professor tem o poder de elaborar sua própria metodologia de ensino, planejando suas aulas considerando às necessidades de seus alunos e os conhecimentos prévios que trazem como meio para superar os desafios, principalmente no que diz respeito o ensino da produção textual.

3 AS PRINCIPAIS DIFICULDADES NO ATO DE ESCREVER

Na prática o que se observa é uma manifestação oral eloquente dos alunos que temem o registro no papel em branco como mostra o resultado de uma entrevista com alunos de uma escola da Rede Pública Estadual, em São Luís-MA. Ao todo, foram entrevistados 37 alunos, sendo 21 do 2º ano e 16 do 3º ano.

O medo do papel em branco fica evidente entre os entrevistados, especialmente para os alunos do 3º ano. A maioria respondeu “sim” ao serem questionados sobre o medo de escrever - 15 alunos do 2º ano e 11 do 3º ano. Observamos que apesar de muitos terem se manifestado dizendo que não tinham medo do ato de escrever demonstraram outras inseguranças relacionadas à produção textual.

O quadro a seguir apresenta o resultado dos depoimentos dos alunos que destacam os fatores que mais causam dificuldades na hora de escrever.



QUADRO 1. (O medo de escrever e as dificuldades encontradas durante a produção textual em sala de aula)

Fonte: Elaborado pela autora.

Os alunos relataram que o medo de escrever começa pelo fato de não saberem como iniciar o texto; seguem explicando que têm dificuldades para estabelecerem a delimitação dos parágrafos; não sabem como promover a criação dos argumentos nem como devem proceder para garantir a coesão e coerência nos textos. Segundo os alunos, os fatores que mais causam angústia no ato de escrever são: as dúvidas ortográficas, acentuação das palavras e a pontuação do texto.

Observamos que os alunos não conseguem se apropriar de uma segurança e uma naturalidade no ato de escrever, pois se sentem desmotivados diante das dificuldades de produzir um texto. Segundo Geraldi (1997, p. 137), para produzir um texto em quaisquer situações, por mais ingênuas que sejam, é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).

Fica evidente que os alunos se preocupam e temem a escrita, pois a produção de texto constitui-se como mais uma tarefa escolar para os alunos questionarem: total de linhas e se é para nota. Quando isso acontece, percebe-se a escrita apenas como forma de avaliação, considerada pelos alunos como uma atividade exclusivamente escolar, sem contexto de produção e sem estratégias adequadas para tal.

4 CONCLUSÃO

O artigo corresponde à parte inicial de uma pesquisa em andamento que, a partir da entrevista de alunos da Rede Pública Estadual, de São Luís-MA, constatou que o medo de escrever é algo real na escola. Mais de 50% dos alunos do 2º ano e quase 70% dos alunos do 3º ano declararam ter medo do papel em branco.

As dificuldades dos alunos começam pelo fato de não saberem como iniciar o texto; depois têm dificuldades na delimitação dos parágrafos; não sabem como promover a criação dos argumentos nem como devem proceder para garantir a coesão e coerência nos textos. As maiores angústias no ato de escrever envolvem dúvidas ortográficas, acentuação das palavras e a pontuação do texto. O que se observa é que os alunos não sabem o que escrever a ponto de convencer. A questão não é só a forma, mas também o conteúdo.

Parte dessa angústia se reflete em desafio para os professores que relatam dificuldades no processo de ensino da produção textual que incluem a falta de interesse durante as aulas, a pouca leitura, além de problemas de aprendizagem durante todo o percurso da vida escolar dos alunos e, ainda, a concorrência com o universo virtual das tecnologias que vêm modificando a prática da escrita diária.

O que se constata é que cabe ao professor promover uma metodologia diferenciada como meio de garantir o maior interesse por parte dos alunos para a prática da produção textual. E essa mudança no modo de agir deve partir das ações do professor que deve receber uma formação voltada para atuar de maneira mais dinâmica para formar cidadãos críticos e reflexivos.

A ideia de discutir o tema por meio desta pesquisa tem como pretensão lançar novos questionamentos, abrindo espaço para discussões dentro da escola, voltadas para as práticas do ensino da produção textual.

REFERÊNCIAS

GERALDI, João Wanderlei. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

IMBERNÓN. Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. **Ensino e correção de textos escolares**. 1. Ed. São Paulo: Telos, 2012.

RIOLFI, Claudia (et al.). **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. (Coleção Ideias em Ação/coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho).